

DIÁRIO HIPERTEXTUAL ONLINE DE PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA COM O APP EVERNOTE¹

Edméa Santos²; Tania Lucia Maddalena³; Tatiana Rossini⁴

Introdução

Com a crescente evolução das tecnologias móveis (ex: *smartphones*, computadores portáteis, *tablets*) conectadas em redes digitais, emergem novas formas de comunicação na cultura contemporânea. A dinâmica da sociedade se modifica a medida que redes ubíquas e pervasivas são entrelaçadas às práticas que fazem parte do cotidiano, como escrita, leitura, compartilhamento de informação e colaboração. O não-lugar propiciado pelos múltiplos *espaçostempos*⁵ interconectados potencializam atividades compartilhadas através de fluxos de informações que transitam na infraestrutura do ciberespaço (SANTAELLA, 2007).

A linguagem que surge na cibercultura – hipermídia - a partir da convergência das matrizes sonora, visual e verbal tem como características a plasticidade e a hipertextualidade. Por causa da conversão da informação em sequências de 0 e 1 (bits), o suporte físico deixa de ser especializado propiciando a hibridização. A multidimensionalidade propiciada pela interligação de computadores em rede permite que percursos sejam construídos de acordo com a necessidade a partir de fragmentos de textos que podem ser associados dinamicamente (hipertexto). Desta forma, o hipertexto rompe com a linearidade da disponibilização de

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 11 – Educação a Distância / Educação *online* / Métodos e processos pedagógicos do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Pesquisador é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em Educação (UFBA) e é líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC/UERJ). E-mail: edmeabaiana@gmail.com

³. Pesquisador é Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PROPED/UERJ). Mestre em Educação (UNICAMP). Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC/UERJ). E-mail: tlmaddalena@gmail.com.

⁴ Pesquisador é Doutor em Educação (UERJ). Mestre em Educação (UNESA). Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC/UERJ). E-mail: tatiana_sodre@yahoo.com.br.

⁵ Esse modo de escrever este e outros termos foram “ensinadosaprendidos” com Alves (2015), como “dentrofora”, “espaçostempos”, “novosoutros”, etc. – deve-se a compreensão de que na modernidade a ciência foi criada por dicotomias é imprescindível a superação de tais concepções por entendermos a indissociabilidade dos mesmos.

conteúdos ao possibilitar a construção de sentidos a partir de sintaxes de (re) combinação de linguagens (texto, imagem, som) de diferentes formas (SANTAELLA, 2009).

De acordo com Santaella (2009), o hipertexto digital trouxe de volta a linguagem verbal escrita ampliando para uma dimensão hipermidiática, que ao longo do século XX tinha ficado em segundo plano com a proliferação de imagens projetadas nos cinemas, televisões e fotografias. Com o surgimento de interfaces digitais colaborativas na *web*, os blogs⁶ se tornaram interfaces potentes para a exposição de conteúdos personalizados atualizados *online* pelos próprios autores bem como um meio de comunicação interativo. A narração de acontecimentos do dia-a-dia passou a ser comum nesses sites, funcionando como um diário compartilhado.

A evolução do *hardware* dos dispositivos eletrônicos móveis propiciou a conexão com a internet bem como o desenvolvimento e a disponibilização de aplicativos (App) em lojas *online* (Google Play, Apple Store, Windows Store) para serem descarregados (*download*) e instalados pelos próprios usuários de forma fácil e rápida. O termo “App” é uma abreviação de “application”, que significa “aplicativo” em português e pode ser oferecido em versão gratuita ou paga para ser executado diretamente em um ou mais sistemas operacionais móveis (Android, iOS, Windows Phone). Assim, os dispositivos digitais móveis assemelham-se cada vez mais aos computadores em termos de funcionalidades e recursos disponíveis.

O crescimento exponencial de utilização de *smartphones* (82%)⁷ e *tablets* dotados de sinal digital 3G/4G via satélite e conexão em redes locais sem fio, wi-fi (Wireless Fidelity), tem contribuído para a popularização dos Apps, transpondo práticas realizadas em interfaces colaborativas acessadas pelo *browser* (Mozilla Firefox, Google Chrome, Internet Explorer) do computador/notebook para *softwares* instalados no Sistema Operacional do dispositivo digital móvel.

É nesse cenário que encontramos inúmeros aplicativos que podem ser utilizados para potencializar a criatividade e as autorias de alunos, professores e pesquisadores na produção de narrativas no ciberespaço. Nesse texto, compartilharemos nossa experiência que se centrou na utilização do App Evernote⁸ como diário de pesquisa hipertextual *online*, especificamente com registros que foram realizados por nós, professoras-pesquisadoras, no ano letivo de 2015,

⁶ Derivado de web log.

⁷ Pesquisa TIC Kids Online 2014

⁸ <https://evernote.com/intl/pt-br/>

na disciplina Tecnologia Educacional com alunos do curso de graduação de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Espaços híbridos da mobilidade: narrativa em hipertexto e hipermídia

O dispositivo móvel quando se conecta no espaço virtual híbrido entre o ciberespaço e a cidade emergem novas possibilidades de usos e práticas sociais. As informações passam a transitar dentro e fora entre os ambientes digital e físico a partir de conexões contínuas de alta disponibilidade (SOUSA E SILVA, 2006). A superação da distância geográfica propiciada pela mobilidade das redes digitais, cria uma sensação de ubiquidade, de onipresença entre os sujeitos, pois não há como distinguir as fronteiras entre os dois ambientes devido ao alto acoplamento entre o corpo físico e o espaço digital (SANTAELLA, 2007).

Os elementos fundamentais que caracterizam a conexão mundial de computadores (WWW) são, o hipertexto e a hipermídia. O hipertexto é uma linguagem escrita não-linear composta por fragmentos de textos que podem ser acessados e sequenciados conforme o interesse e a necessidade do sujeito. Os conteúdos são acessados e manipulados a partir de nós de conexão (links), fazendo parte da construção do hipertexto. A multidimensionalidade desta linguagem permite a personalização da exploração e navegação da informação no ciberespaço a partir dos percursos escolhidos, tornando o sujeito responsável pela estruturação de seu conhecimento. A estrutura do hipertexto também é reticular com formato de rede, sem início e fim, com o objetivo de disponibilizar um ambiente que possa explorar os conteúdos sob diversos pontos de vistas, dos mais abrangentes aos mais detalhados (SANTAELLA, 2007).

A hipermídia é composta de diferentes tipos de informação (texto, som, imagem, vídeo) que surge a partir da junção do hipertexto com a multimídia propiciada pela digitalização. Desta forma, todas as informações de formatos diversos são transformadas em linguagem de máquina (sequência de 0 e 1), inteligíveis por todos os processadores digitais. Assim, os suportes analógicos foram substituídos pelas interfaces digitais híbridas onde é possível transitar mídias de vários formatos (multimídia), complementando e intercambiando funções. Assim,

[...] toda mistura de linguagens da multi e hipermídia está inegavelmente fundada sobre três grandes fontes básicas: a verbal, a visual e a sonora. Tanto é assim que os programas multimídia (softwares) literalmente programam as misturas de linguagens a partir dessas três fontes primordiais: os signos audíveis (sons, músicas, ruídos), os signos imagéticos (todas as espécies de imagens fixas e animadas) e os signos verbais (orais e escritos). (SANTAELLA, 2007, p. 319-320).

De acordo com Santaella (2009), as matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal se (re) combinam e se desdobram em outras no ciberespaço, ambiente propício para a manipulação de dados híbridos configurados em estruturas hipertextuais. A hipermídia independe do espaço e tempo da sua emissão, sendo necessária a presença de conexões ativas para a circulação nas redes digitais. Desta forma, o sujeito pode navegar de um servidor de informação para outro a partir de *links* hipertextuais, propiciando uma construção dinâmica do percurso. A hipermídia tem o poder de hibridizar as matrizes de linguagem e pensamento (som, imagem e texto) a qual possui uma grande concentração de informação. Neste sentido,

há uma infinita variedade de conexões possíveis. Entre elas, a mais importante é aquela que liga um nó a outro no interior do documento. Mas há conexões que ligam o texto a nós ou há ainda as conexões lexicais que ligam regiões do texto a nós, entre outras. Transitando entre informações modularizadas, reticuladas, as opções do caminho a seguir são de inteira responsabilidade do leitor. A hipermídia não é feita para ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas (SANTAELLA, 2009, p.394).

A linguagem verbal foi a primeira a entrar na infraestrutura técnica a partir do hipertexto em *sites* estáticos da internet, sendo necessário conhecimento especializado em computação para a sua atualização. Nessa primeira onda (Web 1.0) de evolução da internet, há o surgimento de páginas pessoais (*home pages*) onde o cotidiano era publicado e mantido pelos seus autores. Com o advento dos *softwares sociais* (Web 2.0), interfaces colaborativas livres e abertas (*software* de acesso livre e gratuito) surgem para propiciar a criação, atualização e disponibilização de mensagens em tempo real (*online*) de forma simples e interativa. Os *blogs* emergem como um ambiente virtual destinado ao registro diário de acontecimentos no ciberespaço (diário *online*).

A narrativa, portanto, possui um caráter temporal e organizador da linguagem onde há uma sucessão de eventos e ações integrados. Assim, o diário *online* rompe com a linearidade do texto em razão das funcionalidades oferecidas pelo digital. Ou seja, a hipermídia e o hipertexto tornam-se componentes presentes na narrativa espacial, explorando as várias dimensões dos acontecimentos (SANTAELLA, 2009).

Diário de pesquisa como dispositivo na pesquisa-formação na cibercultura

Ao considerar a pesquisa-formação como método de pesquisa, valorizamos a ideia de que o professor-pesquisador é, sobretudo, aquele que aprende enquanto ensina e que ensina

enquanto aprende (NÓVOA, 2004). Sendo assim, o pesquisador não somente é o encarregado de constatar o que ocorre, mas também um sujeito que intervém na construção do conhecimento em coautoria, formando e se formando no processo de pesquisa com os discentes.

Na pesquisa-formação na cibercultura, o docente constrói juntamente com os participantes dispositivos formativos visando à produção de conhecimentos e a reestruturação de sua prática (NÓVOA, 2004). Esses dispositivos são na verdade táticas (CERTEAU, 2013) singulares que os sujeitos fazem nos cotidianos para lidar com os dilemas vivenciados em sua docência. Os acasos revelam novas dimensões problemáticas convidando todos a “pensar diferentemente”, ou seja, livre de controle, classificação, distinção e comparação (CERTEAU, 2011). A curiosidade, o envolvimento emocional e a implicação são essenciais para a participação coletiva propiciando a autonomia, a autoria, a troca de saberes e a interatividade (SILVA, 2010). Nesse sentido, professores e estudantes se tornam simultaneamente sujeitos e objetos da formação.

Assim, todos os participantes são considerados pesquisadores em potencial: pesquisador-docente e pesquisador-discente. A neutralidade considerada um ponto forte pelos métodos da ciência moderna é descartada, pois somos seres dotados de experiências, vivências, sentimentos que se hibridizam em nossos atos como envolvimento pessoal multidimensional (emocional, sensorial, imaginativo, criativo e racional). Cada uma dessas dimensões deve ser integrada no envolvimento pessoal a partir da implicação dos participantes. Assim, os praticantes culturais implicam-se interativa e recursivamente em que cada um reconhece o outro como coautor da pesquisa (SANTOS, 2005; 2014).

A formação não é algo que acontece de fora para dentro, ou seja, “ninguém forma ninguém e que pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece” (NÓVOA, 2004, p. 15). Os dispositivos construídos com todos os participantes tendo a intenção formativa contribuem para a aprendizagem de todos os envolvidos no processo, tanto os professores quanto os alunos. O professor-pesquisador enquanto ensina, aprende e se forma em uma dinâmica recursiva. Ele participa ativamente, intervindo, (re) criando, alterando iterativamente os dispositivos de formação e conseqüentemente as suas práticas pedagógicas a partir de situações-problema que emergem ao longo da pesquisa.

Assim, professores e alunos aprendem juntos, formando-se no contexto cultural, histórico e social no qual essa relação se institui, sendo vital entender a prática docente para além da racionalidade técnica: como uma fonte de conhecimentos e lugar privilegiado para

fazer pesquisa. Nesse sentido, o objeto de pesquisa não pode ser analisado por um método construído *a priori*, e sim na implicação do pesquisador com o campo de pesquisa, construindo juntamente com os sujeitos envolvidos (SANTOS, 2014, p. 92).

Para tanto, faz-se necessário um dispositivo que seja capaz de registrar os acontecimentos do cotidiano vivenciados pelo professor-pesquisador através da narrativa escrita. O diário de pesquisa surge como um dispositivo multirreferencial de aprendizagem, contando com uma “descrição minuciosa e intimista, portanto densa, de existencialidade, que alguns pesquisadores despojados das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo”. (MACEDO, 2000, p.195). No diário é possível registrar as primeiras experiências, as impressões do campo, os achados, as surpresas e as angústias entre tantas outras informações que interferem na tessitura da pesquisa. As narrativas e imagens do campo são conteúdos chaves e de grande valor para posterior análise e andamento do estudo. Por isso, a prática diária da escrita é um elemento central na formação do docente.

Ao rever a importância do diário de pesquisa, concordamos com Joaquim Barbosa Gonçalves e Remmis Hess (2010, p.46) no sentido que:

seja com o computador, seja com a caneta, a escrita tem seu lugar: o de organizar nosso mundo inconsciente. A reescrita de nós mesmos, de um mundo anterior, rural, para o atual, somente será mediante a escrita. Parodiando a propaganda que diz “para ser estudante tem que estudar”, diria que “para se reescrever, tem que escrever...”

A escrita surge como organizadora do nosso pensar, possibilitando a reflexão de nossas ações, sendo muito importante quando nos enfrentamos ao objeto de pesquisa. Após narrar nossa experiência, podemos nos autorizar a reescrevê-lo se julgarmos interessante.

A escrita é a linguagem privilegiada para a comunicação no mundo acadêmico. Portanto, quando mencionamos “diário de pesquisa” ou registros do pesquisador seguidamente, pensamos no suporte tradicional. Porém, como podem ser os registros de campo com as tecnologias digitais? Como a linguagem hipermídia pode potencializar a forma de narrar as experiências dos professores-pesquisadores? Que interface digital pode ser utilizada como diário de pesquisa *online*?

Estes foram alguns dos questionamentos que realizamos no início do nosso trabalho. Acreditamos que “não seria possível criar, pesquisar, ou ensinar uma experiência educativa nos princípios da cibercultura e pesquisa-formação sem o uso das interfaces comunicacionais das TIC como dispositivos dessa formação” (SANTOS, 2006, p. 124), razão pela qual surgiu nosso interesse em descobrir novas formas de registrar nossa atuação no campo de pesquisa.

O App Evernote surge como suporte técnico escolhido para o registro dos acontecimentos diários ao longo da disciplina Tecnologia Educacional do curso de Pedagogia da UERJ, no segundo semestre de 2015, em razão da sua disponibilidade constante e portabilidade nos diversos sistemas operacionais tanto para os dispositivos móveis quanto os computadores, conectados ou não à internet. A seguir mostraremos as diversas funcionalidades e vantagens de utilizar o App como diário de pesquisa.

O App Evernote como diário de pesquisa hipertextual

A versão beta do Evernote foi criada em 2008 para a organização pessoal mediante um arquivo de notas. Segundo dados do *site* oficial, hoje conta com mais de 100 milhões de usuários no mundo. Além do App poder ser baixado gratuitamente no dispositivo móvel (*smartphone* ou *tablet*), existe o *site* que possibilita acesso *online* à nossa conta, além de permitir o *download* da versão no computador e utilizá-lo *offline* (sem acesso à internet). Quando estivermos *online*, toda as alterações são sincronizadas e atualizadas automaticamente na nossa conta, repercutindo para todos os dispositivos. Isso permite que nossos registros estejam guardados em vários lugares, podendo acessá-los *online* ou *offline*, caso utilizemos a versão do *software* no computador.



Figura 1: Página inicial do site Evernote

Fonte: <http://www.evernote.com>

Após conhecer o funcionamento do App Evernote, nossa utilização foi mais que como uma simples agenda com anotações. À medida que fomos utilizando, observamos seu potencial e descobrimos que seria um ótimo recurso para nosso diário de pesquisa.

O App permite a criação de notas que podem ser organizadas em cadernos. Os cadernos possibilitam separar as anotações por categoria, local ou finalidade para que possam ser compartilhadas as notas similares mais facilmente.

Essas notas podem ser hipermediáticas (fotografias, imagens, gravações de áudios, documentos, vídeos e textos) que podem ter a incorporação de *links* possibilitando uma escrita hipertextual.

O suporte digital *on-line* permite que, por meio dos *links*, o leitor adentre, construa seus próprios caminhos de leitura, não mais preso à linearidade das páginas da apostila ou do livro. O fim no hipertexto é sempre um novo começo caleidoscópico, no qual podemos, simultaneamente, ler vários textos (janelas mixadas), cortar, colar e criar intertextos. (SILVA; SANTOS, 2009, p. 127)

Criar uma escrita hipertextual no diário de pesquisa implica uma interrelação entre textos, narrativas e imagens, possibilitando uma polifonia de linguagens por conta da natureza do suporte digital, o que difere de um registro linear escrito no suporte em papel. No Evernote, todas as notas são automaticamente organizadas pela data de criação e atualização, e nelas também é possível adicionar *tags*⁹ (etiquetas) como palavras-chaves que facilitam as buscas. O *software* oferece pesquisas potentes dentro das anotações, incluindo documentos anexados no formato PDF (Portable Document Format).

Outra grande possibilidade que o App oferece são as diversas formas de compartilhamento das notas e dos cadernos. Convivemos diariamente com intervenções em redes sociais e outros ambientes no ciberespaço, por isto a circulação dos nossos registros pode ser interessante em determinados momentos. O Evernote permite compartilhar as notas e cadernos em redes sociais como Facebook, Twitter, Google+, e também proporciona o acesso mediante um *link*, pelo correio eletrônico ou texto no formato PDF. Outra funcionalidade é o “Web Clipper” que captura a página (*web page*) inteira ou apenas trechos, armazenando na conta do usuário. Finalmente, possui recursos para gravação e edição de áudios e vídeos bem como uma interface para criação de desenhos.

Todos os encontros presenciais foram registrados no App Evernote, utilizando um suporte digital móvel (*tablet*). As anotações foram feitas de maneira narrada em primeira pessoa com imagens, vídeos e *links* para *sites*, textos em PDF, infográficos e demais recursos

⁹ As *tags* são palavras que ajudam na hora organização das informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas.

utilizados em sala de aula, os quais serviram de inspiração para trabalhar algumas temáticas. Os registros foram feitos durante ou após os encontros.

Na figura 2 podemos observar o registro de uma das aulas presenciais com a turma da disciplina pesquisada. A temática apresentada era o roteiro para a elaboração de um Digital Storytelling em formato de vídeo. Digital Storytelling é a arte de contar histórias utilizando interfaces digitais para estimular a criatividade e a capacidade de narrar os acontecimentos vivenciados no cotidiano ou fictícios, promovendo uma experiência lúdica aos alunos enquanto aprendem conceitos importantes.

Nesse registro incorporamos, além de uma fotografia da professora-pesquisadora apresentando os conceitos e componentes da Digital Storytelling, os diversos *links* utilizados como recursos didáticos de apoio.

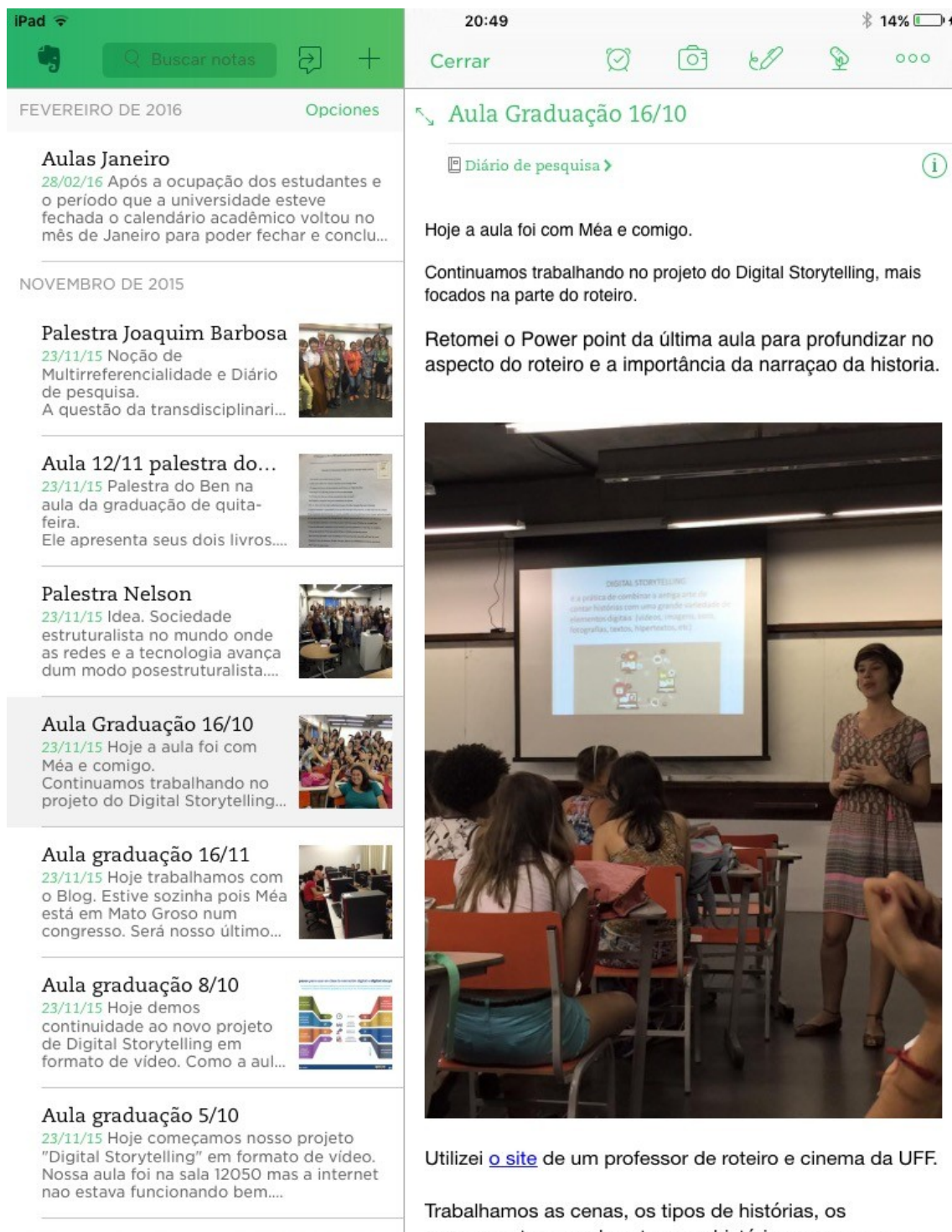


Figura 2: App Evernote no iPad da professora-pesquisadora.

Ao reler os acontecimentos e como foi o processo de elaboração junto aos alunos, o diário de pesquisa não contém unicamente as descrições em formato escrito do que aconteceu naquele dia. Ao ser narrada como hipertexto e hiperímídia, a nota contém os *links* para todos os materiais que foram trabalhados durante a aula, como por exemplo: vídeos, quadros,

infográficos, fotografias das apresentações dos alunos, capturas das conversas nas redes sociais, dentre outros conteúdos midiáticos.

É importante mencionar que o diário de pesquisa não possui apenas as anotações diárias das aulas realizadas na graduação com a turma de Tecnologia Educacional. Palestras e reuniões dentro e fora do grupo de pesquisa GPROC¹⁰ (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura) também são registradas, pois propiciam inspirações e novos aportes para o trabalho. Essas anotações também foram feitas em hipertexto, dialogando com as diversas linguagens na narrativa (hipermídia).

A Figura 3 mostra uma narrativa hipermediática e hipertextual da aula do dia 08/10/2015 sob a forma de nota e as múltiplas possibilidades de compartilhamento nas redes sociais, e-mails, aplicativos, bem como o seu sincronismo com o servidor do *software* no ciberespaço. A aula foi sobre a importância da narração digital (Digital Storytelling) na educação. Os sete elementos principais de Joe Lambert (2010) foram apresentados para iniciar a discussão sobre a elaboração de roteiro.

A proposição feita aos alunos foi elaborar uma história narrada no formato vídeo, podendo ser sobre um personagem real ou fictício com a temática “A tecnologia digital na minha vida”. Um infográfico foi incluído na anotação, contendo oito passos para utilizar o digital storytelling em sala de aula. A apresentação utilizada foi compartilhada no site Slide Share¹¹ e o seu *link* referenciado na nota do App Evernote.

Vale ressaltar que as anotações foram realizadas em sua maioria na modalidade *offline*, ou seja, localmente, devido à falta de infraestrutura tecnológica apropriada nos espaços físicos onde as aulas foram ministradas.

¹⁰ docenciaonline.pro.br

¹¹ <http://pt.slideshare.net/>



Ocho pasos para usar en clase la narración digital o *digital storytelling*

La narración digital o *digital storytelling* es una técnica educativa que permite a los estudiantes aprender mediante la creación de historias apoyadas en el uso de las TIC. Te mostramos cómo usarla en el aula.



Figura 3: Opções de compartilhamento do App Evernote no *tablet* da professora-pesquisadora.

Portanto, o App Evernote é uma potente interface digital móvel que funciona local e remotamente, dependendo da necessidade e das condições da infraestrutura técnica. A sua plasticidade e flexibilidade permitem uma maior mobilidade do professor-pesquisador, sem se preocupar com as questões referentes às conexões de redes disponíveis nos *espaçostempos*

ocupados. Os planos de aula e os conteúdos a serem utilizados podem ser catalogados nessa interface para uma maior organização para análise e interpretação dos dados coletados ao longo da pesquisa.

Considerações Finais

Acreditamos que “ler e escrever são construções sociais; cada época e cada circunstância histórica dão novos sentidos a esses verbos” (FERREIRO, 2012, p.13). Com o desenvolvimento das tecnologias digitais e a convergência das mídias, temos a possibilidade de criar e compartilhar narrativas hipertextuais e hipermediáticas em diversos suportes digitais. Essa realidade não pode ser ignorada por docentes comprometidos com as práticas pedagógicas na cibercultura.

Os dispositivos digitais móveis trazem novas possibilidades para a docência e aprendizagem *online*. Os Apps surgem como aliados potentes na pesquisa-formação, tornando dispositivos técnicos de suporte ao professor-pesquisador. A educação *online* emerge nesse cenário sociotécnico onde as tecnologias de informação e comunicação permeiam a sala de aula presencial e as instituídas em ambientes virtuais. Assim, a educação *online* é um fenômeno da cibercultura, sendo um “[...] conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade” (SANTOS, 2014, p. 63). Nesse sentido, as práticas sociais realizadas no ciberespaço e as potencialidades comunicacionais das interfaces e suportes digitais são levadas em consideração no planejamento de uma disciplina (SANTOS, 2005; 2014).

As interfaces *online* são dispositivos potentes de pesquisa, propiciando a criação de imagens e narrativas ao longo das atividades formativas. As mais utilizadas são as que fazem parte dos ambientes virtuais e *softwares* de redes sociais, como por exemplo: fórum de discussão, chats, blogs e diários *online*, portfólios, *softwares* e mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram, youtube). Com a popularização dos dispositivos móveis (*smartphones* e *tablets*), *softwares* que antes executavam remotamente em browsers (Mozilla Firefox, Google Chrome, Internet Explorer), passaram a ser executados localmente nesses suportes.

Embora esses aplicativos sejam instalados nas interfaces móveis, seus conteúdos são sincronizados com os servidores quando conectados na internet. Com isso, a informação torna-se onipresente, pois a mesma poderá ser acessada independentemente do suporte em que foi criada ou alterada.

Nessa disciplina, adotamos o App Evernote como um dos dispositivos da pesquisa. Nossa experiência com o aplicativo foi utilizá-lo como diário de pesquisa hipertextual e é uma entre tantas outras que o nosso Grupo de Pesquisa (GPDOC) vivenciou. Na pesquisa-formação, o diário de pesquisa funciona como um dispositivo multirreferencial de aprendizagem e agrega imenso valor à formação docente e discente.

Assim, consideramos que registrar o campo de estudo e o cotidiano é parte constitutiva de uma pesquisa implicada, que valoriza e pretende guardar esses registros para uma leitura posterior. Com isso, poderemos refletir, desenvolver, articular e dialogar com os achados para novos caminhos de ensino e aprendizagem na cibercultura.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. (Orgs.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 133-152, 2015.

BARBOSA, Joaquim.; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 20. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2012.

LAMBERT, Joe. **Digital storytelling cookbook**. Berkeley: Digital Diner Press, 2010.

MACEDO, Roberto. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

NÓVOA, Antônio. Prefácio. In: JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, p. 11-34, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2009.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Lisboa, Portugal: Whitebooks, 2014.

_____. Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. **Tese de doutorado**. Salvador: FACED-UFBA, 2005. Orientador Prod. Dr. Roberto S. Macedo.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica...** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. Conteúdos de aprendizagem na educação *on-line*: inspirar-se no hipertexto. **Educação & Linguagem**, v.12, n.19, p. 124-142, 2009.

SOUSA E SILVA, Adriana. Do ciber ao híbrido: Tecnologias móveis como interfaces nos espaços híbridos. In: ARAUJO, D. (Org.). **Imagem (Ir) realidade**. Comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, p. 21-51, 2006